

GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE: um estudo antropológico sobre a troca de casais.

Olivia Von Der Weid¹

RESUMO

O artigo busca compreender a prática atual do “swing” entre casais moradores da cidade do Rio de Janeiro. Procura-se levantar algumas questões fundamentais para se discutir a prática da troca de parceiros e sua relação com as representações de gênero e os ideais de conjugalidade em nossa sociedade. Ressaltam-se alguns pontos: a forma como se dá a iniciação no meio swinger, a condição de desviantes que estes casais parecem ocupar na sociedade, a maneira como constroem a noção de infidelidade, de que modo o corpo interfere no estabelecimento das relações, a contribuição que seus relacionamentos conjugais podem dar para a reflexão sobre novos e velhos modelos de conjugalidade. Para responder a essas questões foram analisadas dez entrevistas com casais adeptos da troca de parceiros. Também foi realizada observação em dezenove encontros semanais de casais praticantes de swing, que aconteceram entre os meses de setembro de 2003 e maio de 2004, em uma casa especializada na Zona Sul carioca. A partir de um estudo sobre a prática da troca de casais procuro compreender as mudanças e permanências nas representações de gênero e nos ideais de conjugalidade presentes na cultura contemporânea.

PALAVRAS CHAVE: Gênero, Sexualidade, Conjugalidade, Infidelidade, Corpo.

ABSTRACT

The paper aims to understand the current practice of swinging between mates in Rio de Janeiro. Some fundamental questions are raised on the discussion of the practice of couple exchange, its relationship with gender representations and the ideals of conjugality in our society. Some points are stressed: the way by which a new swinger is initiated, the outsider condition that the couples live in the society, the way by which they build the concept of infidelity, how the body interferes in the relationships and the contribution that their relationship bring to the old and new models of conjugality. Ten interviews with couples practicing partners interchange were done, as well as field observations during nineteen weekly meetings between swinger mates between September 2003 and May 2004 in a specialized Swing House in south Rio de Janeiro. From the study on the practice of swinging mates, some light is shined on understanding the changes and stability of gender representations, as well as on the ideals of conjugality in our contemporary culture.

KEYWORDS: gender, sexuality, conjugality, infidelity, body.

¹Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia -PPGSA/UFRJ

Introdução:

“*Paraíso dos Casais*”, “*Par ou Ímpar*”, “*Cravo e Canela*”, “*EleEla*”, “*2A2*”, “*Mistura Certa*”. O que estes nomes têm em comum? Todos eles se referem a casas especializadas para a prática da troca de casais, também conhecida como “swing”. Na cidade do Rio de Janeiro, já existiram pelo menos 10 casas específicas para casais adeptos, com localizações que passam por áreas como Zona Sul, Centro, Zona Oeste e Zona Norte.

O desenvolvimento da mídia e de novas tecnologias vem contribuindo para a maior divulgação de práticas como o swing na sociedade atual, além de facilitar o contato entre os adeptos. Através da Internet tornou-se mais fácil o acesso a casais praticantes e o celular é garantia de privacidade e sigilo. O assunto com frequência é tema de reportagens em jornais e revistas de grande circulação. Nos dias de hoje qualquer indivíduo é capaz de estar a par de informações básicas sobre a troca de casais e os principais lugares onde se realiza em pouco tempo, bastando o rápido acesso a um site de buscas ou uma leitura atenta a estas matérias.

Adeptos de uma prática supostamente considerada liberal, o comportamento e o discurso destes casais nos permite refletir sobre a construção da masculinidade e da feminilidade na sociedade brasileira. Em tempos onde classificações como homossexualismo, transexualismo, transgêneros e travestis desafiam as fronteiras de gênero, é inevitável indagar o que é ser homem e ser mulher em um mundo em que se diz que “você pode tudo, mas não é obrigado a nada”.

Neste trabalho procuro discutir a construção do feminino e do masculino a partir do discurso de casais adeptos do swing. Que tipos de comportamento demarcam o que é ser homem e ser mulher neste universo? De que forma essas identidades se relacionam com o desempenho de determinados papéis sexuais? Pretendo comparar a construção de uma identidade sexual masculina com a feminina, procurando compreender como as semelhanças e diferenças nestas identidades nos ajudam a pensar sobre o que significa ser homem e ser mulher na cultura brasileira.

Esta reflexão está baseada na análise de dez entrevistas realizadas com casais praticantes de swing na cidade do Rio de Janeiro, no período de junho de 2003 a maio de 2004. Também são fontes de análise as anotações resultantes de observação realizada ao longo do mesmo período em dezenove encontros semanais de casais praticantes de swing, em uma casa especializada na Zona Sul carioca.

A partir de um estudo sobre a prática da troca de casais procuro compreender as mudanças e permanências nas representações de gênero e nos ideais de conjugalidade presentes na cultura contemporânea. Busco entender os “novos arranjos conjugais” que podem ser verificados em nossa sociedade, procurando refletir de que maneira essa forma de relacionamento contribui para uma discussão mais ampla sobre infidelidade, casamento e sexualidade nas relações afetivo-sexuais.

Acredito que haja uma estreita relação entre os papéis masculinos e femininos e as suas práticas sexuais, que se torna ainda mais evidente em um ambiente como uma casa de swing. Tentar compreender o comportamento de casais adeptos da prática é uma tentativa de contribuir para uma discussão sobre o que há de novo e o que se repete em relacionamentos que fogem do tradicional formato de casamento monogâmico. A prática e o comportamento destes casais são excelentes pontos de partida para se refletir sobre os

modelos e as contradições que envolvem a construção de uma identidade de gênero em uma sociedade como o Brasil.

O swing como um tema de pesquisa

Escolher estudar casais que praticam swing foi uma decisão que acredito estar relacionada com minha pesquisa anterior sobre infidelidade feminina. Apesar de descobrir nesta pesquisa que uma porcentagem relativamente alta de mulheres é infiel (47% contra 60% dos homens), me intrigava a diferença nas justificativas de homens e mulheres para sua infidelidade. O discurso feminino está muito mais relacionado a uma falta na relação (de carinho, de atenção, de sexo), do que a sua vontade ou seu desejo. Ou seja, as mulheres parecem não se sentirem sujeitos da sua traição. De um modo geral a culpa, quando elas traem, é do homem. Um outro tipo de discurso, que justifica a infidelidade como simples atração sexual, também foi encontrado, mas em um número menor de respostas (Goldenberg, 2004, von der Weid, 2004).

Diante destes resultados, comecei a me questionar sobre a forma como as mulheres lidam com sua sexualidade, se existiriam relações onde o desejo sexual pudesse ser vivido de forma igualitariamente mais livre, sem estar diretamente vinculado à traição. Antes de aparecer o tema do swing, pensei em estudar relacionamentos “abertos”, onde a fidelidade sexual não fosse uma exigência. Uma dificuldade para levar esse estudo adiante foi apresentada a mim por minha orientadora - o problema de encontrar casais – casados - que vivessem uma relação estável deste tipo há pelo menos alguns anos. Nesta mesma época li uma reportagem do Globo (22 de fevereiro de 2003) sobre casais que praticavam swing. Até então não tinha tido contato com esta prática e não conhecia nenhum casal que fosse adepto a ela.

Fiz, então, uma pesquisa inicial na Internet sobre swing e descobri sites de diferentes tipos. Muitos eram sites pornográficos, alguns de casas de swing e outros de casais que falavam sobre a prática. Nos textos que escreviam dava para perceber uma certa apologia da “relação swing”, supostamente mais liberal e mais honesta que um relacionamento comum, já que os casais não precisavam esconder suas fantasias de se relacionar sexualmente com outras pessoas e sim poderiam vivê-las. Muitas perguntas começaram a brotar em torno deste tema: como seria o relacionamento de casais praticantes de swing? Será que não existe infidelidade para eles? Ou o que seria ser infiel para estes casais? Existiria maior liberdade em seus relacionamentos? Questões relacionadas às diferenças entre homens e mulheres neste tipo de relação também apareceram. Perguntava-me quais eram as motivações feminina e masculina ao buscar o swing e se a opção por esta prática era uma escolha dos dois.

Acabei percebendo que este poderia ser um tema de pesquisa que ajudasse a pensar sobre meus questionamentos iniciais a respeito de infidelidade, liberdade sexual, diferenças e semelhanças no comportamento de homens e mulheres ao construir suas relações. Apesar de achar que o swing não seria uma resposta a estes questionamentos e nem apontaria uma fórmula de relação, parecia ser um bom ponto de partida para as perguntas.

A “atividade” como princípio estruturador do masculino

Ao longo das entrevistas, durante a observação participante e em conversas informais com os casais pesquisados um dos primeiros pontos que observei é que existem certas regras de conduta, formas adequadas de se comportar em uma casa de swing. Entre estes princípios está a honestidade, o respeito pela vontade do outro casal e ainda “não desejar a mulher (ou o homem) do próximo, quando o próximo não está próximo”. Tais comportamentos parecem fazer parte de uma “etiqueta” swinger, para harmonizar a forma como acontecem as relações no meio.

Todos estes princípios aparecem de maneira sutil e nenhum é tão explícito quanto o que se destaca na fala de um entrevistado, “*atualmente no swing só tem uma (regra) que meio que todo mundo respeita que é: não tem homossexualismo masculino*”. Mais do que uma sugestão este parece ser um tipo de comportamento indesejado no meio.

Para refletir sobre esta problemática, quase um “tabu” entre os praticantes de swing, é interessante pensar sobre como a masculinidade, na sociedade brasileira, se constrói a partir da negação de uma posição sexual. Misse (2005) chama a atenção para as conotações pejorativas e estigmatizantes que recaem sobre o passivo sexual em nossa cultura. A virilidade estaria ligada a características como força, proteção, autoridade, independência, todas refletindo uma postura masculina ativa. No que se refere à sexualidade, o heterossexual masculino rejeita qualquer atribuição de passividade e se considera ativo em todas as situações, fugindo do caráter “desacreditado” que recai sobre o sujeito passivo em nossa sociedade. Parker (2002) acrescenta que é em torno da distinção simbólica entre atividade e passividade que as noções de masculino e feminino são construídas no Brasil. O autor enfatiza que o papel sexual assumido pelos participantes em uma relação é mais importante do que o sexo biológico compartilhado - o homem que desempenha o papel ativo numa relação sexual com outro homem não sacrificaria a sua masculinidade.

No swing nota-se claramente uma distinção entre homens e mulheres no que se refere aos papéis sexuais desempenhados. Os homens não apenas não se relacionam sexualmente com outros homens, como evitam qualquer contato com alguma conotação sexual. Em um encontro cujo tema era “Bissexualismo no swing”, discutiu-se esta questão. Um dos presentes perguntou se alguma mulher tinha o desejo de ver dois homens se relacionando sexualmente. A reação neste momento foi imediata, todos falando ao mesmo tempo, rindo e fazendo brincadeiras, dizendo que isto seria “viadagem” e que não eram “gays”. Após esta explosão inicial, iniciou-se uma discussão onde enfatizavam que no swing não existe o bissexualismo masculino, mas que não podiam ser preconceituosos com quem apresentasse este desejo. Um dos homens presentes afirmou “*não que eu goste de bi ou que eu faça o bi, eu não sinto vontade, eu não sinto prazer com homem, mas acho que não pode existir o preconceito contra aqueles que sentem e que querem. Ninguém é obrigado a fazer nada, mas não pode discriminar*”.

Percebe-se que os pesquisados mantêm uma certa postura “politicamente correta” de respeito a um desejo homossexual, mas que é sempre do outro. Alguns lembraram situações em que o homem do outro casal tomou alguma iniciativa para um contato físico, mas sempre enfatizando que imediatamente disseram não. Talvez por se identificarem com a posição marginal que grupos homossexuais ainda experimentam na nossa sociedade, procuram uma postura de respeito, mas nunca cogitando a possibilidade de experimentarem

o “outro lado”. Na fala de um dos presentes neste mesmo encontro, fica clara essa identificação: *“Não podemos ter preconceito, estamos em cima de um telhado de vidro que nos separa da sociedade, temos que entender as opções, respeitar. É muita hipocrisia se eu, que sou swingueiro, discriminar um cara que é gay, eu tenho que entender, tenho a obrigação de respeitar”*.

Entretanto, nas entrevistas ressalta-se constantemente a negação a um homossexualismo masculino e admite-se que haveria um certo preconceito em relação ao tema no meio swinger. Um entrevistado afirma: *“os homens que fazem swing não aceitam isso”*.

Kulick (1998), ao escrever sobre as travestis de Salvador, nos ajuda a pensar sobre esta questão da atividade e passividade e o quanto no Brasil ser masculino está diretamente vinculado a uma postura sexualmente ativa. Para o autor, o status masculino de um homem depende especialmente do que ele faz na cama. Um homem é aquele que vai assumir sempre o papel do “penetrador”. Mesmo entre as travestis que pesquisou, um namorado só era considerado realmente homem se não apresentasse nenhum interesse pelo pênis da namorada travesti, desempenhando sempre a posição de ativo, como se estivesse se relacionando com uma mulher. Kulick ressalta que a masculinidade é o resultado de interesses e atos específicos, um homem classificado como homem não vai se interessar pelo pênis de outro homem.

Entre os entrevistados, um único homem apresentou postura diversa dos outros e ao longo da conversa admitiu seu desejo por outros homens. Porém, vive este desejo de forma escondida e diz que no meio swing sua vontade não seria encarada de forma natural: *“aqui no swing tem a regra geral, as mulheres são bi e os homens são hetero, exclusivamente, e eu não concordo com isso. Aí é posição minha, mas é uma coisa que eu não posso mudar porque os caras são muito machistas, extremamente machistas, entendeu? ninguém aqui sabe da minha opção, eu tenho vontade também de transar com homens”*.

Em sua fala, continua relatando sobre este desejo, mas é interessante observar que se refere apenas ao órgão sexual masculino, o estímulo para ele é o “falo”, como se o órgão tivesse uma existência própria, separada do resto. *“Já tive transas com homens na minha adolescência, 3 vezes, e fora aquela iniciação que todo garoto começa, aprende a se masturbar com outro garoto (...). Então tive um tempo de crise, pô será que eu sou gay, será que eu sou gay, eu sou capaz de falar que não quero, mas eu quero... aí eu resolvi e hoje eu tenho vontade de transar com homens. Mas é uma coisa engraçada porque eu não tenho tesão pela figura masculina, a figura masculina não me atrai, só o falo. Uma coisa... você deve saber disso, deve ter algum estudo, se não tem vai ter, mas não sei, é só o falo. Agora aqui dentro isso não rola. Nem mesmo tocar no assunto, o pessoal tem muito preconceito”*.

Esta espécie de coerção que o impede de expressar sua vontade, esse preconceito existente no meio contra uma demonstração de um desejo homossexual parece ser o que demarca a masculinidade daqueles homens. De acordo com Kulick, o status de gênero de homem não é algo dado na nossa cultura, mas deve ser produzido através de desejos apropriados que se manifestam por práticas apropriadas. Para o autor é na cama que o gênero é verdadeiramente estabelecido. De uma certa forma os homens que praticam swing com suas parceiras estariam desafiando um dos grandes tabus e fonte de descrédito nas brincadeiras e piadas comuns em nossa sociedade, a figura do corno. Ao serem tão enfáticos em sua postura contrária à prática de relações homossexuais talvez estejam tentando reafirmar sua posição de homens.

(Des)ordem de gênero

Procuro, nesta parte, fazer uma comparação entre a postura sexual masculina no swing em contraponto com a feminina, com o objetivo de entender as diferenças entre homens e mulheres na construção da masculinidade e da feminilidade.

Ao contrário dos homens, que se mostraram bastante resistentes à idéia de se relacionar sexualmente com outros homens, as mulheres parecem aceitar mais facilmente esta postura e muitas se dizem bissexuais. Segundo uma entrevistada: *“bi feminino eu diria para você que quase 90% da população faz bissexualismo feminino. É permitido e não está ligado à homossexualidade”*.

É interessante notar como praticar o bissexualismo no swing não é algo que questione o “ser feminino” da mulher. Ao contrário dos homens, a sua feminilidade não está sendo posta à prova. A mulher parece ter maior liberdade para ultrapassar certas barreiras sexuais. A construção de sua feminilidade não passa por uma postura sexual. Talvez o fato de estar ali acompanhada de seu marido ou namorado já seja suficiente para garantir sua posição de mulher. Com os homens, por outro lado, parece acontecer algo semelhante ao que Kulick descreve acerca da relação entre travesti e namorado. O autor revela que esta é uma relação que se baseia numa profunda diferença. Uma vez que o namorado permite a penetração passiva, ele imediatamente se transforma em um homossexual. Entre os homens praticantes de swing o processo é parecido, demonstrar desejo por outro homem é mudar de posição sexual, é virar “viado”.

Ao longo do trabalho de campo ouvi muitas vezes que a grande fantasia sexual de todo homem é “transar” com duas mulheres. Mais do que uma possibilidade, as mulheres são estimuladas pelos seus maridos a experimentarem o bi feminino. Este ponto fica claro na fala de uma entrevistada: *“acho que incentivado... Porque assim, primeiro tem essa fantasia de todo homem, né? A maioria dos homens tem essa fantasia dele e mais duas mulheres. A mulher eu acho que ela tem isso muito mais elaborado na cabeça dela”*.

Muitas vezes a mulher, quando experimenta a relação com outra mulher no swing tem como referência o desejo do marido. Talvez a satisfação delas esteja em serem mais desejadas por seus parceiros. O prazer estaria relacionado com a presença e o olhar do homem e nesse sentido elas não se consideram lésbicas. O depoimento de duas entrevistadas ajuda a pensar sobre essa questão.

“a mulher quando é bi ela não é sapatão, ela troca carinho, beijo, ou troca carícias, porque até mesmo o meu marido gosta, a maioria das mulheres que trocam carícias com certeza é porque o marido também gosta de ver”.

“se eu sei que ele vai sentir prazer, isso me instiga, entendeu, então quando ele, conversando comigo, disse que adorava ver uma mulher com outra mulher aí eu comecei a abrir mais a cabeça, começou a me dar vontade de querer fazer para ver como é que é”.

Já outras mulheres se dizem “bi ativas”, gostam especialmente de se relacionar com mulheres e há algumas que, segundo relatos, além de seu próprio parceiro, só se relacionam no swing com outra mulher. Esta situação gera uma certa “desordem” de gênero no caso feminino. Ativa ou passivamente, por vontade própria ou por um incentivo inicial do marido, a mulher tem a possibilidade de experimentar uma relação homossexual, mas sem deixar de se sentir feminina e sem pôr em dúvida sua heterossexualidade. Na entrevista com um dos casais, travou-se o seguinte diálogo:

“Ela: a maioria das mulheres que fazem swing elas tem contato entre si. Pode ser com sexo oral, pode ser beijando na boca, pode ser só fazendo uma carícia, pode ser qualquer coisa. Mas assim, a maioria, não vou falar pelos outros, mas a maioria que eu conheço não anda na rua e olha para uma mulher e imagina...

Ele: não, não é sapatão.

Ela: é uma coisa que... a tua sexualidade não está ligada na mulher, acontece de na hora dar tesão, rola normalmente, assim, não tem um preconceito. (...) e a maioria gosta. É o que eu estou te falando, se você perguntar é bom? É. Mas a minha sexualidade não é homossexual. Não sei se dá para entender, e tudo meio complicado...”

Alguns homens e mulheres durante as entrevistas e nas conversas dos encontros argumentam que a justificativa para não acontecer o bi masculino é visual, seria mais “grosseiro” e visualmente estranho dois homens se relacionando sexualmente. Mas o depoimento de uma entrevistada, ao falar de suas fantasias, contradiz essa idéia e deixa claro que a problemática é muito mais uma questão da maneira como a masculinidade se constrói na nossa cultura, prescrevendo que homens que são homens não podem realizar o papel passivo na cama.

“A minha maior fantasia, que eu sei que por enquanto ele não vai realizar, era vê-lo fazendo sexo com outro homem né (risos), coisa que eu sei que ele não vai querer. Eu acho que a maioria das mulheres que estão no swing tem esse tipo de fantasia, ou ver com outro homem ou ela mesma fazer sexo anal com o marido, que é o mais comum. (...) Mas no suingue existe muito machismo, por isso que eu estou dizendo, eles são muito machistas, muito, não admitem de jeito nenhum que eles possam fazer um bi, só nós mulheres. (...) E isso não estressa só a ele homem não, nossa isso é um estresse geral para qualquer homem que você toque no assunto, eles ficam logo estressados, querem mudar de assunto. (...) o machismo dentro do suingue é muito maior do que fora, muito maior. Eles não admitem de forma alguma. Nossa eles literalmente levantam a bandeira “homem que é homem não dá a bunda”. Mas por que não, a mulher não faz? Né, porque o homem não pode fazer? Mas isso é um assunto bem polêmico entre os swingers, muito polêmico por sinal”.

Corpos vestidos

Na primeira vez que resolvi ir a uma casa de swing fazer observação participante, uma das questões que me coloquei foi sobre como deveria ir vestida. Queria um traje que fosse discreto e ao mesmo tempo elegante. Imaginava que nestes lugares se usavam roupas mais chiques, podendo ser sexy, mas eu queria estar o mais discreta possível. Gostaria apenas de passar despercebida, estar com uma roupa que fosse neutra. Resolvi o meu problema vestindo uma calça comprida preta e uma blusa de manga comprida cor telha. Com o desenvolvimento da pesquisa descobri que a dificuldade que senti no início não era apenas pessoal e que a roupa possui um significado no meio swing, principalmente para as mulheres.

Na observação participante que realizei em casas de swing pude perceber que a grande maioria das mulheres se veste de forma sensual e provocante, principalmente as que frequentam regularmente locais para a prática. Os trajes variam entre vestido curto ou saia também curta e justa, blusa de alça, vestido de uma alça só, tomara que caia, decotes dos

mais variados estilos. Todas as mulheres que observei estavam sem sutiã. Quase nenhuma veste calça comprida. Para um entrevistado *“a maioria das mulheres optam por usar vestidos ou saias porque fica mais prático (...), para se expor também, mostrar o corpo”*. Mais do que uma simples curiosidade, pude constatar que, no meio swing, os trajes femininos podem simbolizar o status da mulher (iniciante/iniciada) ou sua disposição para a noite. No discurso de um entrevistado fica clara a função que a roupa da mulher exerce como sinalizador de seu “estado de espírito”:

“então se você foi de calça jeans aí você já sabe que ou existe uma dificuldade ou a pessoa está menstruada, ou a pessoa está indo, mas não quer fazer nada, aí quando existe uma roupa muito ousada, você já sabe que a pessoa está ali porque quer fazer, quando existe uma roupa assim uma saia, uma coisa mais light, você sabe que a pessoa está lá, mas quer manter a postura, então de repente pode rolar, mas é uma coisa que ela quer mais discricção, ela vai ficar num canto, você começa a interpretar a personalidade de cada um na roupa que cada um expõem ali naquele dia”

Nas entrevistas e na observação participante nota-se que o uso de calça comprida simboliza no swing algum tipo de impedimento. Segundo os próprios entrevistados, a mulher que está de calça num ambiente como este procura alguma forma de proteção. Como era um assunto recorrente nas entrevistas e nos encontros, passei a notar que uma estratégia que usei era estar sempre de calça. Os próprios pesquisados percebiam este costume e chegaram a comentá-lo comigo. O uso da calça me diferenciava das mulheres dali, era uma maneira de delimitar meu espaço.

Na fala de um entrevistado aparece o fascínio que certo tipo de roupa exerce sobre os praticantes de swing: *“só a roupa que ela botou para vim pra cá, só o fato dela estar preparada para vim pra cá, botando uma sainha ou esse vestido que ela está hoje, que eu adoro, isso já é excitante para mim”*. Outra entrevistada acrescenta: *“a gente vai a casas de casais eu gosto de estar arrumadinha, uma roupa mais sexy, uma saia curtinha, um salto bonito (...) uma calcinha nova”*. Steele (1997), em estudo sobre o fetiche, revela que a moda é um sistema simbólico que se relaciona à expressão da sexualidade, incluindo o comportamento sexual e a atração erótica. No blog de um casal encontrei uma frase que me ajudou a refletir sobre as roupas e os comportamentos de algumas mulheres nas casas de swing: *“toda mulher sadia tem a fantasia de ser uma puta!”*. O uso de vestidos curtos, de minissaias, saltos alto e o costume de algumas mulheres de fazer strip-tease em um pequeno palco (chamado de “queijo” e especialmente localizado para este fim em casas de swing), pode ser um indicativo do fetiche que a figura da prostituta exerce sobre aqueles indivíduos.

Muitas atitudes das mulheres praticantes de swing se relacionam com as apontadas por Gaspar (1988) em seu estudo sobre as garotas de programa. Na descrição do comportamento das mulheres nas boates para arranjar um programa, a autora menciona a dança como forma de sedução e erotização do corpo, a apresentação, de calcinha, sobre o “queijo” (o nome provavelmente foi “importado” destas boates para as casas de swing), o strip-tease feminino, as relações sexuais entre mulheres, o uso de salto alto. Todos estes comportamentos também podem ser vistos nas casas de swing, feitos não por uma profissional, mas por mulheres que são adeptas da prática. As roupas que as mulheres vestem, apesar de serem diferentes das usadas pelas garotas de programa estudadas por Gaspar, procuram valorizar as mesmas partes que elas buscavam com o uso da lycra: as pernas, as nádegas e os seios. Algumas praticantes de swing contam que tiveram noites em

que mantiveram relações sexuais com 8 ou 10 homens diferentes. Em reportagem no jornal O Dia² relata-se:

“Da história da comerciante Nara, de 44 anos, casada há 24, dois filhos, um neto, que há dois anos decidiu realizar o desejo de transar com outros homens na frente do marido à enfermeira Liliane, 26, que já encarou oito relações na mesma noite para deleite próprio e do companheiro”

Uma entrevistada revela:

“já aconteceu de eu chegar num clube e chegar e dar para 8 homens. Porque naquela noite eu estava com muita vontade de fazer sexo, mas eu não queria fazer sexo com o meu marido, eu tava a fim de fazer sexo com outros homens, eu queria conhecer vários homens. (...) realmente eu dei para 8 homens e depois eu fiquei assim ‘meu Deus, como eu consegui’, mas eu precisava me experimentar”

O depoimento desta entrevistada também remete a outro ponto que despertou minha atenção. Quando perguntei sobre o número de parceiros sexuais que as mulheres tiveram antes de fazerem swing, a maioria respondeu até dois parceiros, sendo que algumas perderam a virgindade com o atual companheiro. Os homens, ao contrário, respondem um número significativamente maior, através de expressões como *“não tenho idéia”, “não sei dizer, são muitas”* ou de uma faixa aproximada como *“mais ou menos 60”, “mais de 500”*. Nenhum homem respondeu um número exato de parceiras sexuais. Goldenberg (2004), ao analisar a sexualidade de jovens cariocas, identifica uma aproximação nas idades em que homens e mulheres se iniciam sexualmente. Porém, no que se refere ao número de parceiros sexuais, a autora indica que a distância entre homens e mulheres permanece, uma vez que os números masculinos são bastante superiores aos femininos.

Parece que as mulheres entrevistadas, ao se tornarem adeptas do swing, passaram a diversificar seus parceiros sexuais, adquirindo um comportamento tradicionalmente identificado como masculino. Uma entrevistada relata: *“transei com mais homens casada do que quando era solteira”*. Nos encontros uma mulher contou que antes de conhecer o marido teve apenas um parceiro sexual e depois de se iniciar no swing relacionou-se com cerca de 30 homens em 4 meses. Outra frequentadora, que teve somente um parceiro sexual antes do marido, faz swing há um mês e neste período disse ter se relacionado com 9 homens diferentes. Dessa forma, as mulheres entrevistadas, ao praticarem swing, parecem estar aprendendo a sexualidade centrífuga que Simmel (2001) identifica como masculina.

A mulher aprende a separar sexo e amor, a relacionar-se com mais de um homem em uma noite (às vezes 8, 10) e a gostar de praticar swing. Algumas relatam que em suas primeiras idas a uma casa sentiram-se inseguras, tiveram ciúmes e que o começo foi muito difícil. Já para os homens, o discurso é que o impulso sexual seria algo natural, *“nascem com essa coisa de sexo, desde pequenos, os pais acabam estimulando”*. Em um encontro intitulado “Amor e Sexo” foi dito que a mulher é educada para querer o príncipe encantado, casar com o homem que ama e ficar a vida toda com ele. Através dessa diferença, entre homens e mulheres, os pesquisados justificam a maior dificuldade feminina para se iniciar na prática da troca de parceiros.

² dia 24 de agosto de 2003.

Corpos despídos

O que contribui para um casal ser mais “desejável” do que outro? Quando se trata de escolher os parceiros para a realização da troca, percebe-se que alguns critérios entram em jogo e um certo tipo de casal parece adquirir alguma vantagem. No discurso dos entrevistados pode-se notar que na hora da escolha, além da afinidade e do “tesão”, outros fatores também estão envolvidos. Uma das entrevistadas relata: *“tem casais que só querem estar com outros casais do tipo perfeitinhas, bonitinhos de corpos, rostinhos bonitos. Se tem uma certa idade, casais acima de 40, não curtem sair, acha que não vai ser legal, prefere pessoas da mesma idade, saradão, malhadão, bundinha empinada, peitinho bonitinho”*. Apesar de afirmarem que na hora da seleção contam atributos como a “cabeça” e a “conversa”, características como a beleza e a juventude parecem colaborar para um casal ser mais disputado no meio. Nas palavras de um entrevistado, *“todo mundo diz que beleza não põe mesa, eu digo que beleza não põe mesa, mas convida para sentar. Você vai lá para ver qual é, de repente não é, de repente não pinta”*. Em outra entrevista acrescenta-se que o assédio acontece *“principalmente se for um casal jovem”*.

Dois atributos que parecem contar negativamente na hora da conquista são o peso e a idade. Pelas entrevistas pode-se notar que um casal mais velho, acima de certa faixa etária, teria mais dificuldade para se relacionar sexualmente com outros casais. De acordo com um entrevistado: *“às vezes tem um casal que a gente olha assim, sabe? São mais velhos e tal, não é questão de preconceito, nada, é questão, como é uma coisa de tesão, de prazer, nós não estamos discriminando, o casal chega aqui a gente conversa, conversa indiscriminadamente com os novos, com os velhos, com os feios e com os bonitos, mas para fazer sexo, entendeu, essa coisa de você, aí não é por discriminação, é questão de tesão”*. Em outro momento da entrevista, acrescenta: *“então na verdade o que a gente vem buscar aqui são personagens dessa fantasia (...) você também tem todo o direito de selecionar, não quero esse personagem com esse biotipo, eu quero um outro, com outro tipo, então é por aí. A gente, por exemplo, não se atrai por pessoas mais velhas, a gente tem essa coisa, entendeu, não se atrai. (...) não é uma regra que existe entre a gente, pode até acontecer dela transar com um cara mais velho ou eu transar com uma mulher mais velha, mas de antemão não é a nossa preferência”*. Uma entrevistada coloca que para um casal mais velho seria mais difícil relacionar-se com casais mais jovens: *“Ou vai ter alguma coisa com um casal da mesma idade ou um pouco mais, se for para ter alguma coisa com um casal mais novo, com certeza não vai rolar”*.

Em relação ao peso, parece que na hora da escolha as pessoas mais gordas acabam ficando prejudicadas. Segundo um entrevistado; *“eu não sei porque nesse meio tem muito casal em que a mulher é muito bonita e o cara não é lá essas coisas, muito gordo, obeso, sei lá”*. No swing, as mulheres parecem estar mais preocupadas com sua forma física do que os homens. Uma outra entrevistada, a respeito de suas preferências, coloca o seguinte: *“não é nem aquele cara assim maravilhoso, mas é lógico que eu não quero assim transar com um cara, ninguém se imagina transando com um cara gordo, esquisito, não sei o quê, mas atributos físicos, um cara assim mais (...) proporcional, sem barriga”*.

Esses dois atributos, o peso e a idade, também contam negativamente nas relações entre mulheres. Para uma entrevistada: *“é difícil eu me relacionar com mulheres, porque nos locais que a gente vai geralmente são mais velhas ou são gordas. (...) geralmente eu*

me atraio por jovens e que sejam bonitinhas também, ficar com uma velha né?”. De uma maneira geral, no discurso dos entrevistados observa-se que um tipo específico de corpo seria mais desejável do que outros, pessoas gordas e com uma idade mais avançada seriam menos atraentes sexualmente.

Em algumas mulheres o gosto por um lado exibicionista acaba se refletindo na preocupação com um certo corpo. Uma das entrevistadas destaca: *“em relação à beleza, é aquela coisa eu não me incomodo muito com isso, mas eu em si, eu quero estar bem para os outros. (...). Eu quero chegar, poder tirar a roupa, dançar, fazer um strip, estar bem, estar bem fisicamente e comigo mesma”*. Outra entrevistada revela que ela própria tem um cuidado com o seu marido, como se o arrumasse para conquistar outras mulheres: *“gosto que ele esteja com uma cueca bonita, confortável, mas confortável bonitinha. Gosto que ele esteja cheiroso, entendeu? tudo isso eu gosto, porque se eu gosto que ele esteja limpinho e cheiroso, com certeza outra mulher também vai gostar. Porque eu tiro por mim, eu não vou chegar perto de um homem fedido, ah não, se eu não gosto, com certeza outras também não vão gostar”*.

Nos anúncios publicados nos sites das casas de swing e nas páginas pessoais, os casais procuram parceiros para a realização da “troca”. Nestes anúncios, a maioria com fotografias, o corpo feminino aparece como forma de propaganda do casal, uma espécie de “cartão de visitas”. Segundo os entrevistados, a mulher *“é quem faz a ponte”*, *“é o chamariz”* e seu corpo é utilizado nestes anúncios como *“vitrine”*. Nas fotografias, o corpo feminino é totalmente exposto, nos seus mínimos detalhes e surge nas posições mais variadas. As mulheres mostram tudo, à exceção do rosto, o que não acontece com os homens, que possuem bem menos fotografias do que elas. O corpo feminino no swing aparece de maneira semelhante ao corpo na cultura carioca revelado por Goldenberg e Ramos (2002): possui um valor, é um símbolo de distinção e motivo de orgulho para o casal.

Utilizando as idéias de Bourdieu (2003), pode-se pensar que o uso do corpo feminino no swing permanece subordinado aos desejos masculinos. O autor argumenta que ainda hoje a exibição do corpo da mulher, combinando um poder de atração e sedução, exerce a função de honrar os homens de quem ela depende ou aos quais está ligada. Esta lógica parece estar presente na forma como aparecem corpos femininos e masculinos no meio swing. As mulheres se exibem em roupas curtas e sensuais, tiram fotos nuas para os anúncios e fazem strip-tease. Os seus maridos assistem, orgulhosos, o espetáculo de suas parceiras. Nesse mercado de troca de parceiros a dissimetria masculina e feminina permanece radical, sendo o homem sujeito da troca e a mulher o objeto trocado (Bourdieu, 2003). A lógica da dominação masculina se apresenta nos próprios corpos e na maneira como homens e mulheres se relacionam sexualmente, mesmo que em seu imaginário e em seu discurso estejam se propondo a romper com ela.

Ser masculino no corpo e nas roupas

Ao observar a forma como as pessoas se vestem para ir a uma casa de swing, o vestuário feminino logo chama a atenção. As mulheres procuram usar vestidos ou saias curtos, blusas decotadas, roupas que extravasam em sensualidade. Algumas também

gostam de fazer “strip tease” e escolhem especialmente a lingerie da noite. Quando se trata dos homens, a mesma preocupação e cuidado com a aparência não parece estar presente. A maioria veste os mesmos trajes que usaria em um outro evento social qualquer: calça e camisa, no máximo social. Nas palavras de um entrevistado: “o homem não, o homem é básico. Calça e camisa, calça e camisa, calça e camisa, às vezes muda sapato ou tênis, calça e camisa, não tem como, não tem, é característica, né?”.

Menos preocupados com a beleza, a forma física e o “ser desejada” que parece permear o universo feminino nestes ambientes, a preocupação dos homens em relação ao seu corpo está mais relacionada com sua performance sexual. O medo masculino é o de falhar na hora “H”. Nos encontros esta questão foi bastante discutida e chegou a se dizer que só os mentirosos nunca brocharam. No swing esta problemática ficaria ainda mais evidenciada, principalmente para os homens que estão indo pela primeira vez, porque segundo eles o nervosismo e a adrenalina são os principais inimigos de uma boa ereção.

Um entrevistado relata uma de suas primeiras idas a uma casa de swing da seguinte maneira: “Eu tinha aquela expectativa bem machista mesmo, achava que ia chegar, ia ser uma suruba geral todo mundo comendo todo mundo, eu ia cair, mergulhar e ia ser uma farra geral. Na verdade não foi isso, eu me descobri um macho totalmente diferente do que eu achava que eu era. Até pela minha idade nova eu não estava habituado a certas fisiologias do meu próprio corpo, entendeu? então eu achava que ia chegar aqui e ia ser super desinibido e na verdade não fui. Então no primeiro swing foi muito bom porque eu estava só com ela, no segundo que eu já entrei “uhh, vamos lá”. Não rolou, não rolou porque eu não consegui ficar ereto, não consegui ficar excitado, quer dizer, excitado eu tava, mas eu não tava ereto, não tava... cheguei a conclusão de que quando a oferta é muita a gente não sabe para onde atirar, eu acho que é problema de focalização”.

Cecla (2004) discute a problemática da masculinidade e nos ajuda a pensar sobre o discurso do entrevistado ao descobrir que sua “máquina” não é tão infalível assim. O autor argumenta que o homem trata o seu pênis como se fosse uma máquina, e faz parte da crise do macho descobrir que o órgão não é um apêndice que obedece a sua vontade, não é um princípio autônomo, mas pertence ao seu próprio corpo. DaMatta (1997), em sua reflexão sobre a construção da masculinidade no Brasil, revela que uma das fantasias mais aterrorizantes para os homens é o risco da falha ou da impotência sexual. Isso porque, segundo o autor, o pênis representa o órgão central e explícito do masculino, o traço distintivo da condição de “homem”. O medo de “virar broxa” traria à tona a “problemática masculina”, o lado escondido da masculinidade.

O que se observa é que ser homem parece sempre passar pela necessidade de se provar que é homem. E a prova, especialmente na cultura brasileira, é demonstrar que não é homossexual e não é passivo (Badinter, 1995). Preocupar-se demais com a forma e a aparência para freqüentar uma casa de swing significaria correr o risco de ser acusado de “feminino”. A possibilidade de falhar na hora “H” é motivo de preocupação porque colocaria em jogo a qualidade de “macho”. Este, entretanto, é um aspecto que se questiona no swing, mesmo que entre piadas e ironias, talvez por que não seja um problema tão incomum assim.

Sobre esse assunto, relata-se no blog de um casal praticante de swing: “Quem nunca falhou? Ou melhor, qual o homem que nunca se preocupou com o desempenho quando está com uma mulher pela primeira vez? Falando sério? Por mais que a gente seja seguro, que o bicho funcione como um relógio, que a testosterona ande a mil, sempre há o fantasma de, na hora H, nosso amigo de fé, irmão camarada não se

apresentar para o serviço. É bem provável que esta sacanagem aí já tenha acontecido com muita gente boa neste blog. Bom, se quando a gente está apenas com mais uma pessoa na cama e acontece isso já é ruim, imagine quando tem quatro ou seis ou oito? A broxada no swing muitas vezes é difícil de administrar. Geralmente os casais mais esclarecidos tratam o assunto melhor e sabem que isso se resolve sempre no segundo encontro”.

O medo de ser acusado de “gay” ou ter sua posição sexual questionada continua presente quando se trata de procurar outros casais para a realização da troca. Os anúncios da Internet que incluem fotos quase sempre retratam as mulheres, em posições diversas e algumas vezes se relacionando com mulheres, mas raramente os homens. Quando tem uma foto masculina, em geral é um close do pênis ou uma foto com a parceira. Um argumento apresentado pelos entrevistados para o fato de quase não existirem fotografias suas nos anúncios está relacionado ao receio de atraírem outros homens. Um homem que expõe seu corpo está correndo o risco de ser acusado de homossexual. Este receio está bem exemplificado na fala de um entrevistado “às vezes a gente fica com aquela preocupação né, se eu botar muita foto minha o cara vai pensar que eu sou gay...”. Em outra entrevista acrescenta-se: “o homem também vai atrair gay, vai atrair um monte de coisa”.

O mesmo problema não se colocaria para as mulheres, uma vez que a maioria delas é adepta da prática bissexual. Segundo um entrevistado, a mulher “é mais um objeto de desejo, é o chamariz. E ela é chamariz tanto para a mulher do outro casal quanto para o homem. Se botar um homem não né, vai ser chamariz para o outro homem”.

Essa dupla moral em relação à prática bissexual no meio swing – a feminina é aceita e a masculina é recusada – também pode ser observada no texto dos anúncios publicados pelos casais em sites de casas de swing. Apresento a seguir o exemplo de um destes anúncios onde essa posição fica bastante clara. Neste anúncio havia fotografias de duas mulheres juntas, sugerindo a prática do “Bi feminino”.

*“Somos um casal de bem com a vida, nos amamos muito e desejamos conhecer casais que curtam fazer amizades, sem envolvimento financeiro. Não topamos **SM**, drogas, **HM** e homens sós (por favor não insistam). Somos fumantes e bebemos socialmente. O bi feminino será sempre bem vindo!! A troca de casais pode acontecer se houver afinidades. Só serão respondidos e-mails com fotos. Mil beijos!!!!!!”³*

Para além da preocupação com o desempenho sexual, outro ponto que parece ser um problema, tanto para homens, quanto para mulheres praticantes de swing, é a questão do tamanho do pênis. Barasch (1997) aponta que a crença de “quanto maior, melhor” ainda atormenta muitos homens. Para a autora é possível que, na fantasia de algumas mulheres, o tamanho do pênis gere excitação. Seguindo esta lógica, pode-se supor que os homens que possuíssem um órgão sexual mais “avantajado” seriam mais procurados no meio swing. Entretanto, o que pude perceber nos encontros é justamente o contrário. As mulheres parecem não gostar quando o pênis do homem é muito grande e algumas disseram que colocam limites para o tamanho na hora de se relacionar sexualmente. Este aspecto também foi observado por Goldenberg (2004) em artigo onde analisa os usos do corpo pela juventude carioca. A autora destaca que possuir o pênis grande aparece como defeito em

³ Para fins de esclarecimento: SM – Sado-Masochismo; HM – Homossexualismo Masculino.

homens na resposta de duas pesquisadas, o que parece ir de encontro às expectativas masculinas sobre o tema. É o que também indica uma reportagem do jornal O Dia⁴:

“As dimensões anatômicas são um dos maiores problemas dos suingueiros, que falam abertamente das aventuras coletivas na mesa. “Tem cara com quem não deixo minha mulher transar, não”, brinca o engenheiro Eduardo, 42 anos”

O que se pode observar é que a performance corporal de homens e mulheres no swing parece funcionar como uma espécie de vitrine da maneira como vivenciam sua própria sexualidade. A sexualidade da mulher aparece distribuída pelo corpo como um todo, por todas as partes que são exibidas em fotos ou que se insinuam por debaixo de roupas coladas e sensuais. A dos homens parece focalizada em uma parte específica, o pênis, mas não um pênis qualquer, e sim um que apresente um bom funcionamento, que seja “operante”. As próprias categorias classificatórias em oposição (“brocha” X “ereto”), utilizadas para se referir à performance sexual masculina, esclarecem que tipo de sexualidade está sendo valorizada no homem.

Considerações finais

Procurei discutir neste trabalho a construção da masculinidade e da feminilidade a partir da experiência de casais praticantes de swing. Busquei refletir de que maneira estes seres, masculino e feminino, aparecem em uma forma de vestir, em uma preocupação específica com o corpo, e para os homens especialmente, na defesa de determinada postura sexual.

No caso das mulheres, sua feminilidade não parece estar diretamente relacionada a uma determinada postura sexual. Elas parecem ter uma liberdade maior para atravessar certas barreiras e sua identidade de gênero não é questionada. Ser feminina está presente nas roupas, no corpo, mas não especificamente em uma performance sexual.

É interessante notar que a estreita relação entre ser homem na cultura brasileira e a posição de ativo sexual parece estar significativamente presente entre os praticantes de swing. Um dos imaginários que perpassa este meio está vinculado a uma idéia de liberdade, de casais modernos e liberais. Poderia-se facilmente imaginar que os homens que aderem a esta prática lidassem mais naturalmente com certos “tabus” relacionados à sexualidade.

Talvez porque estejam desafiando outras regras importantes relativas ao casamento presentes em nossa cultura (a fidelidade sexual, a monogamia) - o que já os coloca em uma posição duvidosa socialmente - a preocupação destes homens em demarcar sua masculinidade parece especialmente acentuada. Não é porque fazem swing que não são homens. E na nossa cultura, qual melhor maneira de demonstrá-lo que o não ao “HM” e ao “Bi masculino”?

⁴ dia 24 de agosto de 2003.

Referências Bibliográficas

- BADINTER, E. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- BARASCH, M. “Sexo e afeto no cotidiano do homem”. In: *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DAMATTA, R. “Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina”. In: CALDAS, D. *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997. p. 31-49.
- CECLA, F. *Machos*. Argentina/Espana: Siglo Veintiuno, 2004.
- GASPAR, M. D. *Garotas de programa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOLDENBERG, M. & RAMOS, M. S. “A civilização das formas: o corpo como valor”. In: GOLDENBERG, M (org.). *Nu & Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp 19-40.
- KULICK, D. *Travesti*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- MISSE, M. *O estigma do passivo sexual*. Rio de Janeiro: NECVU/LeMetro/Booklink, 2005.
- PARKER, R. *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- STEELE, V. *Fetichismo: moda, sexo & poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- VON DER WEID, O. *Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina*. Revista *Habitus*, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 1, p. 49-59, 2004. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 6 out. 2006.